

Editorial

Práticas e profissionalidades jornalísticas

Uma das consequências diretas das muitas transformações que vêm afetando o campo do jornalismo nos últimos anos é a discussão sobre a própria natureza do seu trabalho. Com uma pretensa universalização de certas tecnologias – em especial as que produzem, digitalizam e difundem conteúdos –, o público (antes confinado a uma condição menos ativa) percebeu que pode participar mais do processo comunicacional. Com isso, quantidades astronômicas de textos, vídeos, áudios, imagens, gráficos e animações se espalharam por todas as direções, forçando rediscussões sobre qualidade, oportunidade, relevância e adequação desses novos conteúdos na dieta global de informação e entretenimento. Mais ainda: o tsunami chacoalhou as bases do caos que ajudava a distinguir produtores de consumidores, profissionais de amadores.

Como em outras ocasiões, os adventos tecnológicos precipitaram mudanças comportamentais e culturais, e o jornalismo não é uma ilha tranquilamente protegida dos ventos fortes e do castigo das ondas. Além de arregalar os olhos e despentear os cabelos de muita gente, a tempestade vem fazendo com que as redações, as universidades e os setores mais atentos da sociedade repensem as bases de conceitos como “informação” e “conhecimento”. Entre os jornalistas, as reflexões se traduzem em perguntas incômodas: o que é fazer jornalismo hoje? O que nos diferencia de outros sujeitos que detenham tecnologia e se apropriem das nossas linguagens? Quais elementos ajudarão a definir o que é ser repórter a partir de agora?

Esta edição da revista **Estudos em Jornalismo e Mídia** considera muito importante e inadiável esse debate, que passa necessariamente pela desestabilização das identidades, das práticas e das profissionalidades. Seis artigos compõem o Núcleo Temático deste número. Lima e Mick observam a baixa taxa de sindicalização dos jornalistas brasileiros (25,2%), menos que a metade do nível dos demais trabalhadores urbanos do Brasil, e apontam explicações para o fenômeno. O artigo é derivado da mais extensa pesquisa de perfil dos jornalistas já realizada no país. Fígaro e Grohmann, por sua vez, debruçam-se sobre a cidade de São Paulo, com foco nos jornalistas *freelancers*, num extenso trabalho de recepção ancorado no binômio Comunicação-Trabalho.

Silva aborda dois aspectos essenciais da prática jornalística que auxiliam nos processos de observação e captura de informações. Partindo de uma perspectiva antropológica, a autora aproxima jornalistas e etnógrafos, realçando o olhar e a escuta como dimensões/ferramentas de trabalho. Souza, Sousa e Giglio voltam-se para outro quadrante das práticas jornalísticas, aquele que mobiliza recursos e esforços para comunicar e gerir crises.

Silva recorre a Bourdieu e a seu conceito de *habitus* para problematizar a relação entre a práxis jornalística e a atribuição de um sentido hegemônico às notícias. Gomes encerra a seção, revisitando as representações do jornalismo no cinema, com atenção para a condição heroica do jornalista.

A seção de Temas Livres traz artigos com temáticas igualmente instigantes. Rüdiger resgata a obra e as ideias de Upton Sinclair, um pioneiro na reflexão crítica e sistemática sobre a imprensa no século 20. Fonseca e Dornelles tomam os conceitos de “acontecimento” e “acontecimento jornalístico” para refletir sobre a história imediata que o jornalismo pode produzir. Ainda na direção deste conceito tão essencial do jornalismo – o “acontecimento” –, Lelo apresenta uma pesquisa empírica sobre o caderno Gerais, do jornal Estado de Minas, objetivando investigar a determinação das fontes de informação. O artigo de Franzoni propõe pensar o interdiscurso como método que auxilie na delimitação de *corpus* em pesquisas no jornalismo que tenham o discurso como objeto. Furtado e Gadini empreendem uma jornada ao passado, enfocando o

jornalismo em forma de carta no primeiro século da Era Cristã.

Alcaraz apresenta um estudo de caso na imprensa argentina que articula as agendas midiática, pública e política às questões ambientais. Outro estudo de caso é mostrado por Machado e Borelli, que pesquisaram as estratégias embutidas na seção infantil do jornal Zero Hora. Keller e Golin debruçam-se sobre outro suplemento do mesmo jornal, o caderno Cultura. Carvalho, por sua vez, identifica transformações nos processos de comunicação do movimento sindical.

Fecha a edição a resenha de “Perfil do Jornalista Brasileiro”, assinada por Bergonsi. O livro de Jacques Mick e Samuel Lima – autores que abrem este número - traz os dados de uma pesquisa inédita que delinea o semblante da categoria, investigação que muito pode contribuir para um melhor entendimento do cenário atual.

Boa leitura!

Rogério Christofolletti, editor